

ELIAS, NOBERT & SCOTSON, JOHN L.  
**OS ESTABELECIDOS E OS OUTSIDERS: SOCIOLOGIA  
DAS RELAÇÕES DE PODER A PARTIR DE UMA  
PEQUENA COMUNIDADE.**  
RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR EDITOR, 2000.

Rusoêmia Luiza Batista Rodrigues da SILVA\*

Eis uma entrevista feita com um burakmim anos atrás. Perguntou-se ao homem se ele se sentia igual a um japonês comum. *Resposta:* “ Não, nós matamos animais, somos sujos e algumas pessoas acham que não somos humanos.” *Pergunta:* Você se acha humano? *Resposta* (depois de longa pausa): “ Não sei, somos ruins e sujos”. (p. 30)

## 1. APRESENTANDO A OBRA

Winston Parva é um “nome fictício” dado há uma pequena comunidade situada no interior da Inglaterra. A partir dela, Elias e Scotson, munidos de fontes diversificadas (estatísticas oficiais, relatórios governamentais, documentos jurídicos e jornalísticos, entrevistas e observação participante) elaboraram este estudo cuja principal virtude segundo Federico Neiburg - autor que apresentou a edição brasileira -, reside na “produtividade teórica” de um certo “ecletismo metodológico”. Na realidade, considera-se que a obra revela uma linha de compreensão das pesquisas que foram produzidas seguindo o seguinte viés teórico-metodológico: a idéia de que através de uma “pequena comunidade” é possível pensar um modelo consistente para sustentação de uma teoria geral das relações de poder, assim também como fazem M. Foucault e E. P. Thompson. A meu ver esta é uma das idéias centrais que persegue a tessitura da obra onde reside a força da elaboração de conteúdos complexos e a busca pela totalidade que se encontra nos lugares “comuns”. Dessa feita, reitera Neiburg (p. 8) quando diz que “a força da sociologia de Elias consiste em mostrar de modo empiricamente consistente o conteúdo universal dessa forma singular de relações de poder - em descobrir a contribuição inglesa e de Winston Parva, para uma teoria geral das relações de poder”.

O que faz pensar ser W.P. uma comunidade reveladora de situações que implicam realidades conflituosas entre seus habitantes? Qual seria a

singularidade deste lugar, ao passo de que se possa afirmar que a partir dele podemos conhecer grupos aparentemente “homogêneos” no que se refere a esfera dos indicadores sociológicos (como renda, educação e tipo de ocupação) e ao mesmo tempo auto e alter diferenciados ao promoverem, pelo critério do tempo de morada no local, a denominação que inspirou o livro: um grupo de estabelecidos e outro de outsiders.

O caso é o seguinte. Em W. P., há um grupo de indivíduos que deu início a comunidade e neste sentido compuseram uma forma de viver e de estar no lugar: estratégias de convívio, formas de constituir relações entre si, até mesmo, formas de construir comentários de assuntos relacionados ao cotidiano (sobre isto o autor dedica seu capítulo 7, nominado de “Observações sobre a fofoca”). Este é o grupo dos *estabelecidos*, os quais se auto consideram *humanamente superiores* do ponto de vista social e moral. O sentimento de superioridade em relação aos outros, que posteriormente vieram morar nos arredores desta comunidade inicial, parece-nos ser história repetida nos quadros sociais do passado e presente históricos. Assim foram os brancos em relação aos negros ou os cristãos em relação aos ateus, enfim, *como os senhores feudais em relação aos vilões, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação as mulheres* (p. 19), da mesma forma, os trabalhadores já estabelecidos de longa data em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores que chegaram a esta comunidade, os quais são aqui conhecidos por outsiders.

Esta combinação que expressa diferença se mantém todavia pelo fato de parte desta comunidade – os estabelecidos –, comungarem da idéia de que são mesmo diferentes, possuem virtudes próprias e características humanas superiores. O curioso é que não havia nada que os diferenciasses no sentido étnico, de nacionalidade e nem tampouco de nível instrucional o que é mais geral de ser percebido nos chamados “estudos comuns”. W. P. é um lugar em que os grupos se diferenciam pelo “princípio da antiguidade”, ou seja, o tempo em que o grupo mais antigo reside em relação aos moradores chegantes. Parece-nos uma espécie de proteção própria e medo da quebra de coesão grupal ao passo que é a partir disto que foram construídos entre eles alguns referenciais de diferenciação.

É notório falar que os “antigos residentes” reservam seus principais cargos comunitários locais – como por exemplo a organização de conselhos do clube e da escola –, afirmando neste sentido a sua superioridade a partir da

preservação de sua identidade. Nasce daí um estigma: por um lado, os “de dentro”, grupo completamente integrado à vida e às tradições comunitárias, dotado de um sentimento de status superior que, pela organização conseguiu distanciar-se do outro grupo, e de outro lado, os outsiders, tidos como “observantes anômicos” e até mesmo “indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros” (p. 27). Isto faz de W. P. um microcosmo que contribui para pensar o “macrossomo das sociedades em larga escala e vice-versa”. Ou seja, a partir desse “pequeno cenário empírico” é possível pensar relações que se repetem em outros lugares, em outros tempos, sobre outras realidades e cenários diferenciados, como nas instituições acadêmicas, nos grupos de pesquisa, nos temas e debates científicos, nas instituições religiosas e políticas. Defender-se do novo e do diferente, não seria um tema antigo e atual que persegue a sociedade?

## **2. A ESTRUTURA DO LIVRO E O PERCURSO ESCOLHIDO: TRÂMITES E TESSITURAS METODOLÓGICAS**

...“ os dados sociais podem ser sociologicamente significativos sem ter significação estatística e podem ser estatisticamente significativos sem ter significação sociológica.” (p. 59)

A obra referida é considerada um dos principais trabalhos de Nobeit Elias, no entanto, ocupou um lugar marginal com relação a sociologia da época. Apesar da pesquisa ter sido realizada na década de 1950, a mesma só foi editada em forma de livro em 1965, quando Elias era professor da Universidade de Leicester (p. 8). Mesmo assim, o livro não se tornou um estudo de sociologia secundarizado, por se tratar de “um trabalho sobre uma comunidade”, que na época ocupou um lugar claramente subordinado. Todavia a obra reteve-se a um lugar de respeito notável na sociologia mundial o que confere a este livro a característica de ser atual, mesmo não sendo.

Na introdução da obra, os autores se atêm a fazer uma leitura teórica sobre as relações estabelecidos-outsidere. Este aspecto contribui para entender a opção e o caminho trilhado pelos mesmos uma vez que aparentemente há um “desabrigo” com a questão metodológica e uma profundidade do uso das fontes,

motivo pelo qual converge no trabalho uma virtude: não há obrigatoriedade e prisão a uma ou outra escola de pensamento. Em W. P. encontra-se, acreditam, a figuração “do ser humano universal”. A divisão desta comunidade em seu interior, entre um grupo de *estabelecidos* residualmente anterior a outro, o qual é denominado por àquele de *outsiders*, não é uma demonstração localizada, apesar da profundidade empírica da pesquisa, mas incita pensar o que os autores chamam de *paradigma empírico*. A partir de W. P. é possível entender uma espécie de *sociodinâmica da estigmatização* (p. 23). Isto seria, em outros termos, a compreensão do processo de alto e alter-rotulação dos grupos, das formas como um grupo de pessoas constrói, sedimenta e solidifica padrões coletivos de referência para conformar o igual e o diferente, o “nós e os de lá” — como ocorre em W. P. —, rótulos de identificação que constituem identidades.

No capítulo primeiro, *Considerações sobre o método*, há uma apresentação da área em que residiam os habitantes de W. P., nos arredores de uma cidade industrial, localizada na região central da Inglaterra. Tal área se compunha de 3 bairros, *conhecidos e reconhecidos como diferentes pelos próprios habitantes*, intitulados como Zona 1, Zona 2 e Zona 3. As principais diferenças em termos espaciais, seguindo a etnografia apresentada pelos autores, são mesmo de decorrência paisagística entre a Zona 1 e as demais, no entanto, não é tão expressivo assim a ponto de, apenas por este fator, haver uma espécie de linha divisória da vida comunitária de W. P. (p. 51). A Zona 1 era composta de habitantes de uma “classe média” operária, enquanto que os habitantes da Zona 2 e 3 são trabalhadores operários “comuns” e de status social “inferior” aos demais. No entanto, entre os habitantes da Zona 1 e 2, havia uma barreira social para com os da Zona 3, que de tão profunda na estrutura das relações humanas, era de certa forma aquiescida.

Estas observações condicionaram a apresentação dos problemas na pesquisa e de relações com outros temas consoantes a eles. Se a única diferença evidente entre os habitantes da Zona 2 para com a Zona 3 é a de que a Zona 3 é um bairro novo, parece-nos que esta é uma relação que se faz freqüente, uma vez que mesmo na atualidade surgem loteamentos novos próximos a bairros antigos. Será que os residentes antigos são provocadores potenciais de conflitos para com os novos moradores? Como constroem e estabelecem suas relações vicinais? Em W. P. estas se dão de formas conflituosas e por estabelecimentos de esteriótipos. O desafio dos autores é o de criar, a partir desse problema, um modelo provisório para compreensão desse tipo de relação *capaz de servir de*

*guia em estudos de fenômenos similares ou correlatos e passíveis de verificação* (p. 53).

O surgimento da pesquisa se deu pelo fato de um dos autores trabalhar na área por alguns anos e conhecê-la de perto pela experiência com a comunidade. Com “parafusos na cabeça”, por não entender certos diálogos e relações entre os membros da mesma, resolveu entrevistar líderes de associações, alunos de escola primária onde colheu dados relativos a residência de todos os pais de alunos de Winston Parva. Tudo isto foi copilado e apresentado sob a forma de tabelas estatísticas e a partir daí elaborou-se um conjunto de perguntas para realização das entrevistas. A necessidade da pesquisa participante se deu a partir da percepção de que apenas com tais dados e com as entrevistas, a análise se tornaria limitada o que levou os autores a realizarem uma investigação mais sistemática através da pesquisa participante. Isto foi um passo importante na sociologia, que antes confiava muito nos métodos estatísticos e, por tal fato, se atinha a problemas meramente empíricos e falta de reflexão explícita sobre a natureza do método. Toda preocupação se deu pelo fato de esclarecer que existe uma necessidade de diferenciar os problemas sociológicos relativos a uma realidade que, mesmo em sendo local, ajuda pensar a totalidade a partir da construção de modelos. A pesquisa pretende apontar que nem todos os problemas podem ser “enquadrados” de maneira satisfatória a *exclusividades de fenômenos sociais relativos a um local*, mas, alguns deles, se aproximam de explicações globais.

### **3. OS DE DENTRO E OS DE FORA: FORMAÇÃO DA COMUNIDADE E RELAÇÕES DE PODER EM WINSTON PARVA**

“Oh! Eu não iria lá, não! (referindo-se a uma casa da Zona 3). Vá ao número 15, eles são gente boa, mas lá, não, ela é leviana, só esta aqui há um ano. Vá à casa dos Sewell, eles são boa gente”. (p. 81)

No segundo capítulo, *A Formação das relações de vizinhança*, são apresentados os períodos de formação do bairro concomitante a chegada de seus residentes. O conjunto foi criado pelo empreendedor Charles Wilson, na década de 1880, mas as casas da Zona 1 e 2 foram erguidas nas décadas de 1920 e 1930, por construtores locais. Já a Zona 3 foi construída na década de 1930 por

uma empresa particular. A própria localização geográfica da área recebe uma série de caracterizações por parte dos “antigos habitantes”, os quais se referem a mesma como *um beco de ratos*, por se tratar de uma região pantanosa. Quando a área foi construída, as casas foram anunciadas para aluguel por um valor inferior e eram de apresentação parecida com as casas da Zona 2, mas os anúncios só foram respondidos por habitantes “de fora”, pessoas advindas no Norte da Inglaterra em busca de emprego na região. Isto deu início a formação do conflito — além de ter sido edificado a um período de crise empregatícia em Londres —, o que fez da região a possibilidade primeira de imigração interna, principalmente pelo intenso número de doações recolhidas e oferecidas pelos moradores mais antigos. Porém, tais doações não significaram “boas vindas”, mas sedimentaram a diferença, como se tais moradores se colocassem na situação superior por terem ajudado os *londrinos imigrantes*, mesmo que seus salários não tivessem nível consideravelmente diferenciado em relação aos outros.

Uma característica interessante apontada na obra é que os “novos habitantes” de W. P. esperavam a camaradagem a qual estavam habituados, talvez uma forma de tratamento *costumeyro nas camadas inferiores*, e neste sentido não constituíram coesão, se comparados aos habitantes *estabelecidos*, os “aldeões”. Estes formavam um grupo maior, coeso e com normas de conduta e regras próprias, tradições e padrões de relacionamentos entre si, o que os fizeram entrar *em luta contra os intrusos, usando todas as armas características de que dispõem as comunidades bem estabelecidas e razoavelmente unidas, em relações com grupos recém-chegados* (p. 65). Não havia como fugir, W. P. era um lugar de ciladas e armadilhas, que pessoas comuns constroem e envolvem outras, por forças de *desenvolvimentos específicos*, por tal fato contribuem para pensar fenômenos desta natureza ocorrentes em todo mundo, apontados pelos autores como “comuns”.

Nos capítulos 3, 4 e 5, intitulados respectivamente de *Visão geral da Zona 1 e da Zona 2*, *As famílias matrifocais da Zona 2* e *Associações Locais e a “Rede de Famílias Antigas”*, a grosso modo os autores se colocam a discutir a estrutura cotidiana dos *estabelecidos* a partir das suas ocupações e divisão de classes. Além disto, apresentam as formas como se constituem as relações de poder e a representação que tais habitantes possuem da Zona 3. O verbete “membro de famílias antigas”, reforça que os habitantes da Zona 1 estão cômnicos da superioridade de seu bairro em relação aos outros, mesmo que, paisagisticamente, a estrutura do bairro e das casas da Zona 2 e 3 não

possuírem grandes diferenças, conforme já fora dito. As convenções como visitas diárias aos vizinhos e atitudes referentes aos aspectos particulares e comunitários “individuais” e “sociais” da vida eram menos separados (p. 78). Isto faz com que as notícias referentes a vida comunitária circulem de forma mais difundida e que os membros da comunidade participem ativamente da vida, construindo um sentimento comum de “fazer parte” e um intenso sentimento de identidade grupal. Todos estes fatores criam figuras de referência familiar, como a figura da mãe, além de significar solidez nos laços familiares, tanto femininos como masculinos. Há descrições e análises de situações diversas apresentando o respeito à figura materna, mesmo depois que os filhos se casam, vínculos estreitos de relações vicinais entre membros da mesma família.

A Zona 3, a qual os autores dedicam o capítulo 6 foi intitulado *Visão Geral da Zona 3*, ocorre de forma diferente. Diferenciados por 60 longos anos de existência de uma parte do bairro em relação a outra, o loteamento da Zona 3 é um pouco mais “simples” que o da Zona 2. Além disto, havia uma relativa inexistência de laços de parentesco entre as famílias que ali moravam e aos “outros”, ao passo que contribuísse para o isolamento das do “loteamento” (Zona 3) em relação da “aldeia” (Zona 1 e 2). Neste capítulo, através de tabelas e análises, o autor demonstra um sentimento de “falta de orgulho” em morar na Zona 3 pelos seus habitantes, além dos relatos de como foram tratados os moradores do loteamento quando chegaram a W. P., segundo os mesmos de forma grosseira e discriminatória. Tudo isto leva a constituição de outro tipo de relação de repúdio e refúgio a encontros com pessoas de outras áreas, além de um sentimento de revolta que atinge, principalmente, os jovens da Zona 3 de W. P., discussão feita no capítulo 8 nomeado *Os jovens de Winston Parva*.

Na descrição das transgressões das leis, os jovens da Zona 3, diferente dos outros, não criaram nenhuma agremiação juvenil além do que o percentual de delitos e prisões é muito superior. Não há reflexão sobre si mesmo, o sentido do futuro e em sua maioria era difícil obter qualquer visão de si a longo prazo. Quanto aos outros jovens, a preocupação em relação ao futuro e a disciplina contribuía para erguer uma barreira com os demais. Rejeitados como outsiders, os jovens da Zona 3 de W. P. repetem o estigma sob o qual foram gerados, uma vez que aprenderam a ser inferiorizados, a partir da própria família e, reagem de forma delinqüente pois são motivados pelos mesmos mecanismos sociais os quais seus pais foram.

Enquanto isto, os “Jovens da Aldeia” tinham que manter o mesmo padrão, a altura das normas coletivas um tanto rigorosas dos mais velhos. Os

pais da “aldeia” criticavam as “roupas extravagantes” e a “maquiagem pesada” dos adolescentes do loteamento. Tal repulsa se estendeu aos filhos, ao passo que era matematicamente impossível que um jovem aldeão se enamorasse de uma moça do loteamento, ou vice-versa. Assim, o índice de prostituição feminina era maior entre as moças do loteamento, “filhas-problema” geradas por “famílias-problema”.

Contudo, sob os mais diferentes e difusos aspectos, as atitudes e relações constituídas em W. P., tendiam a se reproduzir por muitas gerações, uma vez que já havia uma conformidade de comportamentos de ambos lados, tanto no que se refere ao posicionamento dos “estabelecidos” e dos “outsiders”. Entre símbolos e representações identitárias, a realidade incitada pela pesquisa contribui nos estudos sobre comunidades e diferenças sociais constituídas e classificadas como indefiníveis. É possível estender daí explicações de outras realidades e processos de separação entre comunidades infindas e até mesmo entre grupos sociais que se relacionam com instituições diversas capazes de construir, da mesma forma que os estabelecidos, teias impenetráveis na relação com o diferente.

#### **4. CONCLUIR COMO TENTATIVA: DE WINSTOM PARVA PARA OUTROS CONFINS DE MUNDOS**

É comum que se eleve uma quantidade enorme de problemas relativos às relações humanas em comunidade. Igualmente comum e interessante é pensar como estes problemas colaboram com a compreensão de outros, em outros lugares, sob outros focos e outros desejos de respostas dos pesquisadores e também de necessidades da ciência.

A mim, o livro de N. Elias e J. Scotson, não foi completamente compreensível em sua proposta de debate e, confesso, considerei-o difícil e um tanto descritivo na primeira leitura. Estas reações me provocaram para que eu viesse então escrever esta resenha, mesmo porque algo me parecia consoante a minha idéia sobre pesquisar: o compromisso em consultar diversas fontes, o artifício da pesquisa participante e, além disto, a possibilidade de construir modelos explicativos da realidade através do estudo das relações sócio-culturais de uma comunidade “simples”.

Os atritos e perturbações decorrentes da formação da área urbano-industrial de W. P., desde o mais estrutural até aqueles relacionados à vida



comunitária, demonstram um traço recorrente nos dias atuais: para os *estabelecidos*, os recém-chegados seriam *concorrentes em potencial pelo emprego e que por isso não tenham gostado deles* (p. 167). Estes fatores contribuíram para que os residentes antigos construíssem um *valor elevado aos padrões, às normas e ao estilo de vida que eles haviam criado entre si*. A ameaça neste contexto faz com que as famílias multipliquem estes discursos e práticas sociais e os transmitam, além de transmitir também o que isto gera: os cargos nas instituições de elite e os melhores lugares nos postos e conselhos de decisão comunitária.

Entretanto, não era conhecido dos habitantes “novos”, os verdadeiros motivos pelos quais os ditos aldeões os consideravam diferentes. Mesmo assim a segregação indiscriminada que isto gerou instalou-se de forma sólida, gerando conflitos freqüentes e sem muita reflexão do sentido dos conflitos. Os autores do livro chegam a afirmar que *os dois lados agiram sem refletir muito, de um modo que seria previsível* (p. 173).

Inúmeros conflitos se instauram, ao passo que agora nos cabe entender cada vez mais a construção das ações coercitivas que implicam, com força “sobrenatural”, nas decisões dos indivíduos e das coletividades, para que, a partir da compreensão de sua natureza se possa propor uma forma competente de amenizar os problemas, não no sentido de “controlar conflitos” como descreve Elias (p. 186), mas de pensá-los cada vez mais criteriosamente, para que as pessoas construam novos caminhos em busca de melhorar suas relações e diferenças. O que dizer de especial desse lugar? Nenhum lugar... apenas como canta Gilberto Gil, “um lugar comum”.